

EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: David Emanuel Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E64 Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-852-6

DOI 10.22533/at.ed.526210803

1. Epistemologia. 2. Ciências Humanas. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 121

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A obra apresenta pesquisas em andamento e concluídas em diversas regiões do Brasil, como Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Roraima, Amazonas e São Paulo, além de uma pesquisa em Córdoba, trazendo amplas discussões sobre os mais diversos temas: educação, geografia agrária, gênero, saúde, higiene, moda, direito e religião.

O segundo volume traz pesquisas principalmente nas áreas de educação, gênero e religião. Do capítulo 1 ao 7 temos textos que discutem a educação brasileira em diversos aspectos: a alfabetização não escolar (Capítulo 1), o papel do coordenador pedagógico na educação infantil (Capítulo 2), as políticas de expansões das Instituições de Ensino Superior (IFEs) no capítulo 3.

Os capítulos 7 e 8 fazem a ligação deste tema com pesquisas dedicadas à temática gênero, trazendo discussões sobre uma educação voltada à sexualidade e de uma educação inclusiva a partir da problematização do conceito de gênero.

O capítulo 9 é dedicado ao estudo da presença feminina nas Forças Armadas. Temos também um capítulo dedicado à abordagem da construção da identidade profissional de gestoras (capítulo 10), a saúde de mulheres lésbicas e bissexuais inviabilizadas na medicina (Capítulo 11). O capítulo 12 por sua vez traça uma historicidade da homossexualidade desde a pré-história problematizando as interpretações a respeito do termo.

Do capítulo 13 em diante temos discussões mais próximas da religião com pesquisas que problematizam o gênero e a religião como marcadores históricos (Capítulo 13), o aconselhamento pré-nupcial (Capítulo 14), a iconoclastia da religião ocidental a partir de Gilbert Durant (Capítulo 15) e a educação cristã segundo a *Divini Illius Magistri* (Capítulo 16).

O volume II da obra “Epistemologia e Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas 2” conclui com um capítulo de autoria de Ana Paula Dias e Isamara Freire a respeito da modelagem contemporânea e as técnicas de tricô a partir de lã reciclada e fios 100% de lã voltadas ao vestuário feminino.

O terceiro volume é dedicado a temas mais diversificados, trazendo pesquisas nas áreas de ciências agrárias e geografia, história (patrimônio, urbano) e saúde (corpolatria, enfermagem, medicina).

O primeiro capítulo dedica-se a explorar as políticas públicas na agricultura camponesa, já o segundo trata da recamponização no Vale do Jauri. Também encontramos um capítulo dedicado à explorar o cultivo monocultural (plantio de uma só cultura) transgênica, fundamentado nas discussões de Capra e Morin.

O capítulo 4 por sua vez, de autoria de Rogério da Silveira, aborda novos métodos de pensar a gestão metropolitana. Em seguida temos uma discussão sobre interdisciplinaridade no campo da economia política a partir da epistemologia da palavra.

O capítulo 6 demonstra o compromisso da Atena Editora em estabelecer relações internacionais, um texto em língua estrangeira (espanhol) dedicado à exploração da fronteira interétnica no sul de Córdoba, dos autores argentinos Ernesto Olmedo e Marcela Tamagnini.

O capítulo 7, Tensões entre governo e terceiro setor no Brasil - uma análise do discurso midiático aborda as políticas públicas que envolvem o 3º setor.

O oitavo capítulo do livro dedica-se ao estudo da integração da América do Sul e o meio ambiente na região amazônica por meio de um método qualitativo bibliográfico-documental para analisar as construções das usinas hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau no Rio Madeira, em Roraima.

Os capítulos 9 a 11 abordam discussões sobre a preservação do espaço urbano, um versa sobre o edifício Caiçara em Recife, outro trata dos jardins românticos do início do século passado na cidade de Vitória, especificamente o parque Moscoso e a praça João Clímaco e o último retrata a paisagem urbana nas construções do entorno da Escola Técnica de São Paulo.

O capítulo 12 e 13 tratam de pesquisas desenvolvidas no Rio de Janeiro, porém com recortes temporais e espaciais diferentes. Enquanto um trata de uma pesquisa sobre as tradições medicinais da comunidade quilombola de Cruzeiroinho (Rio de Janeiro), outra trata da higiene pública na cidade de Rio de Janeiro à época do Império, por meio de uma pesquisa histórico documental.

Os capítulos seguinte investigam questões relacionadas à saúde. Em “Os riscos ergonômicos no cotidiano das equipes de enfermagem” e “Resistência emocional e empoderamento no salvar vidas: experiências de um enfermeiro emergencista no SAMU”, podemos ler pesquisas que problematizam e relatam a importância da enfermagem, capítulos altamente atrelados ao atual momento de enfrentamento à pandemia causada pelo COVID-19.

O penúltimo capítulo da obra trata dos padrões de beleza reforçados pelas mídias digitais com foco nos conceitos de Corpolatria e refletindo sobre as Histórias em Quadrinhos (HQs) da Turma da Mônica e as representações do corpo nesta mídia específica.

O último capítulo da obra trata da surdez unilateral trazendo embasamentos jurídicos sobre o assunto.

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

NARRATIVAS DE MIGRANTES: EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO “NÃO ESCOLAR”

Zulmira Ferreira de Jesus Cacemiro

Valdilene Zanette Nunes

DOI 10.22533/at.ed.5262108031

CAPÍTULO 2..... 18

UMA ABORDAGEM DO PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO E SUAS ATRIBUIÇÕES NO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Suely Cristina Soares da Gama

Kleide Ferreira de Jesus

DOI 10.22533/at.ed.5262108032

CAPÍTULO 3..... 33

A ATUAÇÃO DA BUROCRACIA DE MÉDIO DE ESCALÃO NA CONSECUÇÃO DA IMPLEMENTAÇÃO POLÍTICA DE EXPANSÃO DAS IFES NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Andreza dos Santos Sousa

DOI 10.22533/at.ed.5262108033

CAPÍTULO 4..... 56

CBAI E OS AGENTES DO ENSINO INDUSTRIAL (1946 A 1963)

Nívea Maria Teixeira Ramos

José Geraldo Pedrosa

DOI 10.22533/at.ed.5262108034

CAPÍTULO 5..... 69

COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO: INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

Adelcio Machado dos Santos

Rubens Luís Freiberger

Daniel Tenconi

Danielle Martins Leffer

Alisson André Escher

DOI 10.22533/at.ed.5262108035

CAPÍTULO 6..... 77

DA DOCILIZAÇÃO À MIMESE: AS INICIATIVAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL COMO MECANISMOS DE ADAPTAÇÃO À CONCEPÇÃO NEUROLÓGICA DA MODERNIDADE À ECONOMIA 4.0

José Rodrigo Paprotzki Veloso

DOI 10.22533/at.ed.5262108036

CAPÍTULO 7..... 90

EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE NA ESCOLA: A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DIÁLOGICO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SUBJETIVOS

Pedro Raimundo Mathias de Miranda

José Moysés Alves

DOI 10.22533/at.ed.5262108037

CAPÍTULO 8..... 101

“COISA DE MENINO, COISA DE MENINA”: O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO COMO BASE PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Fábio Peron Carballo

DOI 10.22533/at.ed.5262108038

CAPÍTULO 9..... 116

MULHERES, FORÇAS ARMADAS E GÊNERO: BREVES NOTAS SOBRE POTENCIALIDADES E DESAFIOS

Rafael Normando Miranda Morais

André Luiz Machado das Neves

Juliana Maria Duarte Marques

DOI 10.22533/at.ed.5262108039

CAPÍTULO 10..... 131

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL: ESTUDO COM GESTORAS DAS GERAÇÕES *BABY BOOMERS*, X E Y

Marlene Catarina de Oliveiras Lopes Melo

Vilma Santos Pereira de Faria

Ana Lúcia Magri Lopes

DOI 10.22533/at.ed.52621080310

CAPÍTULO 11..... 149

A SEXUALIDADE DE CORPOS INVISIBILIZADOS PELAS REPRESENTAÇÕES MÉDICAS: COMO PROMOVER A SAÚDE DE MULHERES LÉSBICAS E BISSEXUAIS DIANTE DESSE CONTEXTO?

Beatriz Silva Matos

Luana Ferreira Botelho

Preciliana Barreto de Moraes

Rosendo Freitas de Amorim

Amanda Sousa Felix

Breno Igor Medeiros Freitas

Bruna Maria Costa Gomes

Luany de Queiroz da Silva

Antônio Fábio Macedo de Sousa

Clara da Silva Soares

DOI 10.22533/at.ed.52621080311

CAPÍTULO 12..... 159

HOMOSSEXUALIDADE: DAS RAÍZES PRÉ-HISTÓRICAS ÀS NOVAS LUTAS IDENTITÁRIAS DE RECONHECIMENTO

Lucas Ramos Ruas

Maria de Fátima Araújo Di Gregório

DOI 10.22533/at.ed.52621080312

CAPÍTULO 13	166
RELIGIÃO E GÊNERO: UM BREVE RELATO DA RELAÇÃO ENTRE ESTES MARCADORES NA HISTÓRIA	
Ana Margareth Manique de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.52621080313	
CAPÍTULO 14	177
ACONSELHAMENTO PRÉ-NUPCIAL: UMA PROPOSTA PASTORAL SOB O PONTO DE VISTA DA MORAL ÉTICA E DOS DIREITOS HUMANOS	
Samuel Sanches	
DOI 10.22533/at.ed.52621080314	
CAPÍTULO 15	184
A ICONOCLASTIA DA RELIGIÃO OCIDENTAL: UM PARADOXO DO IMAGINÁRIO SEGUNDO GILBERT DURAND	
Carlos André Macêdo Cavalcanti	
José Herculano Filho	
DOI 10.22533/at.ed.52621080315	
CAPÍTULO 16	192
A EDUCAÇÃO CRISTÃ SEGUNDO A ENCÍCLICA <i>DIVINI ILLIUS MAGISTRI</i>	
Maximiliano Gonçalves da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.52621080316	
CAPÍTULO 17	205
CORRELAÇÕES ENTRE MODELAGEM CONTEMPORÂNEA E AS TÉCNICAS DE TRICÔ PARA O VESTUÁRIO FEMININO	
Ana Paula Dias	
Isamara Freire	
DOI 10.22533/at.ed.52621080317	
SOBRE A ORGANIZADORA	215
ÍNDICE REMISSIVO	216

CAPÍTULO 8

“COISA DE MENINO, COISA DE MENINA”: O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO COMO BASE PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Data de aceite: 01/03/2021

Data de submissão: 07/12/2020

Fábio Peron Carballo

Doutor em Ciências da Educação UTAD/UFMG
Professor Unifenas-Campus Divinópolis,
Divinópolis-MG
<http://lattes.cnpq.br/1966315909619999>

RESUMO: Atualmente, percebe-se que os debates envolvendo Gênero têm dividido opiniões, em qualquer instância social. Em relação à educação, segundo os PCN's e a LDB em seu Art.3º § IV este debate é visto como um compromisso, por meio do conteúdo Orientação Sexual. A construção do que é pertencer a um ou outro sexo, se dá pelo tratamento diferenciado para meninos ou meninas, inclusive nas expressões diretamente ligadas à sexualidade e pelos padrões socialmente estabelecidos. Em relação à Educação Física, inserida nesse contexto, deve cumprir um dos objetivos gerais no ensino fundamental, que é por meio de sua práxis levar os alunos a participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características físicas e de desempenho de si próprio e dos outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais. Diante disto, o intuito deste trabalho é averiguar o quanto os alunos são influenciados pelos conceitos culturais que estabelecem o que é adequado em relação ao gênero e se agem em conformidade a eles.

Trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa, por meio da aplicação de um questionário a alunos do sétimo ao nono anos de escolas públicas da Cidade de Cláudio. Os resultados apontam que esse tema tem que ser mais debatido e aprofundado em todos os segmentos educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física Escolar, Gênero, Relação.

BOY THING, GIRL THING “- THE ROLE OF PHYSICAL EDUCATION IN THE UNDERSTANDING OF GENDER RELATIONS AS A BASIS FOR INCLUSIVE EDUCATION

ABSTRACT: Nowadays, it is perceived that the debates involving Gender have divided opinions, in any social instance. Regarding education, second the PCN'Ss and LDB in its Art.3º § IV this debate is seen as a compromise, through the content Sexual Orientation. The construction of what is to belong to either sex, is given by the differential treatment for boys or girls, including expressions directly related to sexuality and socially established patterns. In relation to Physical Education, inserted in this context, it must fulfill one of the general objectives in elementary education, which is through its praxis to lead students to participate in bodily activities, establishing balanced and constructive relationships with others, recognizing and respecting physical characteristics and performance of self and others, without discrimination for personal, physical, sexual or social characteristics. In view of this, the purpose of this work is to investigate how the students are

influenced by the cultural concepts that establish what is appropriate in relation to the genre and act accordingly. This is a qualitative research, through the application of a questionnaire to students from the seventh to the ninth year of public schools in the City of Cláudio. The results point out that this theme has to be more debated and deepened in all educational segments.

KEYWORDS: Physical School Education, Genre, Relationship.

1 | INTRODUÇÃO

Os debates realizados nos últimos tempos em diversas instâncias da sociedade envolvendo Gênero têm dividido opiniões. No entanto, em âmbito escolar os debates iniciam, ou deveriam iniciar, por meio do conteúdo Orientação Sexual, entendido como “(...) processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relativas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados” (BRASIL, 2011, p. 34). Também, faz-se necessário que a educação cumpra as deliberações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB – Lei 9.394/96), que assevera em seu Art.3º § IV, que “O ensino será ministrado com base (...) no respeito à liberdade e no apreço à tolerância” - sendo sempre contra todo tipo de discriminação e preconceito.

O debate sobre Gênero como compromisso da Educação, é previsto nos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), que definem a si próprios como “(...) referencial de qualidade para a Educação no Ensino Fundamental em todo o País”. (BRASIL, 2001, p. 45), e estão incluídos nas propostas de discussão em sala de aula, inserindo-se em conteúdos cujas temáticas lidam com o desenvolvimento humano, como “(...) Ética, Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual.” (BRASIL, 2011, p. 29) – propondo que esta abordagem seja feita de modo “(...) não diretivo”. (BRASIL 2001, p.121), a partir da Transversalidade, que, dada “(...) a complexidade [inerente a cada um desses assuntos] faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para abordá-los”. (BRASIL, 2011, p. 36). Assim, discutir sobre Relações de Gênero em sala de aula tem como objetivo o “(...) o questionamento de papéis rigidamente estabelecidos a homens e mulheres, a valorização de cada um e a flexibilização desses papéis”. (BRASIL 2001, p. 35).

Nesse processo, o professor deve “(...) ter postura pluralista e democrática, o que cria condições mais favoráveis para o esclarecimento e informação sem a imposição de valores particulares”. (BRASIL, 2001, p. 153), além de sempre (...) se mostrar disponível para conversar a respeito das questões apresentadas, não emitir juízo de valor, (...) responder as perguntas de forma direta e esclarecedora (...) [oferecendo] informações corretas do ponto de vista científico, [prestando] esclarecimentos sobre as questões trazidas pelos alunos, fundamentais para seu bem-estar e tranquilidade (BRASIL, 2011, p. 124).

Em relação à Educação Física inserida nesse contexto é entendida como (...) cultura corporal (...) no que tange à questão de gênero [deve] (...) dar oportunidade para

que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereotipadamente relações sociais autoritárias (BRASIL, 2001, p. 25-30).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris, em 10 de Dezembro de 1948, assevera que “(...) o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e dos seus direitos iguais e inalienáveis constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo”. De modo, que ao abordar assuntos inerentes ao ser humano, é preciso enfatizar o documento supracitado, cujos paradigmas jamais apoiam um grupo humano em detrimento de outro, sendo que também o “(...) o professor deve ter discernimento para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades absolutas” (BRASIL, 2001, p. 123).

De fato, o artigo 5º, § VI, da Constituição Federal de 1988, diz que “É inviolável a liberdade de consciência e de crença(...)” – o que caracteriza o Estado como laico, evidenciando que crenças particulares não devam ser levadas em conta quando se trata de discutir assuntos que interessam ao coletivo (marcado pela diversidade cultural e religiosa).

A propósito, a constante interferência religiosa que se verifica a nível municipal, estadual e federal, no que diz respeito às relações de gênero, não deve encontrar eco dentro da escola. De fato, por ocasião da aprovação dos Planos Decenais de Educação (PNE – Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014), que determina diretrizes, estratégias e metas a serem atingidas pela esta ao longo de dez anos, alguns parlamentares, segundo Britto e Reis (2015, p. 23), pressionados pelas bancadas religiosas, e com o respaldo das igrejas evangélicas e católica, (...) retiraram dos Planos Estaduais de Educação referências à identidade de gênero, diversidade e orientação sexual. (...) Entre os trechos vetados estão metas de combate à ‘discriminação racial, de orientação sexual e à identidade de gênero’, censos sobre situação educacional de travestis e transgêneros e incentivo a programas de formação sobre gênero, diversidade e orientação sexual.

Em contrapartida, o MEC (Ministério da Educação e Cultura), divulgou uma nota logo depois (nota técnica nº24/2015), defendendo a inclusão de gênero e orientação sexual nas pautas de discussão dos planos de educação estaduais e municipais, a qual dizia:

(...) é preciso reafirmar que os conceitos de gênero e orientação sexual, sem negar-lhes sua relevância política; são conceitos científicos construídos em bases acadêmicas. Os estudos de gênero e sexualidade formam um campo de pesquisa e produção de conhecimento reconhecido internacionalmente, apropriado no Brasil desde a década de 1970. Há mais de 1.000 grupos de pesquisa cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Técnico (CNPq) que tem gênero como um eixo de estudo (...) Os conceitos de gênero e orientação sexual podem ajudar a compreender as desigualdades históricas entre homens e mulheres, além de ser central na compreensão (e enfrentamento) de diferentes formas de discriminação e violência, incluídos o machismo, o sexismo, a homofobia, o racismo e a transfobia, que se

Abordar este tema nos anos finais do Ensino Fundamental é importante porque os alunos que integram o 4º Ciclo, que compreende os 7º, 8º e 9º Anos, estão na faixa etária de 12 a 15 anos, e, portanto, na fase de puberdade, quando ocorrem (...) as mudanças físicas [que] incluem alterações hormonais [quando] (...) os alunos também já trazem questões mais polêmicas em sexualidade, [e] já apresentam necessidade e melhores condições de refletir sobre temáticas como aborto, virgindade, homossexualidade, pornografia, prostituição e outras (BRASIL, 2001, p. 118-129). Sendo assim, o presente trabalho pretende abordar as relações de gênero, buscando aferir o nível de percepção dos alunos frente à diversidade que compõe a sociedade e a escola.

2 | METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho optou-se por uma pesquisa quanti-qualitativa, pela necessidade de contabilizar dados e por envolver a percepção de pessoas sobre a importância do assunto da pesquisa.

As pesquisas quantitativas baseiam seus estudos em análise de características diferenciadas e numéricas, geralmente ao longo de alguma dimensão, entre dois ou mais grupos, procurando provar a existência de relações entre variáveis. As pesquisas qualitativas são subjetivas, tendo um caráter exploratório, uma vez que há uma estimulação para que as pessoas pensem e falem livremente sobre o assunto em questão (SILVEIRA, 2004, p. 107).

Sendo assim, optou-se pela elaboração de um questionário de múltipla escolha com quatro questões referentes ao tema a ser aplicados nas escolas públicas, municipais e estaduais da cidade de Cláudio em alunos do 7º, 8º e 9º anos, a fim de verificar a percepção deles acerca do tema. Antes dessa etapa, foi agendada uma visita a cada diretor, houve apresentação do questionário e explicação sobre a intenção do mesmo, bem como sobre os objetivos gerais e específicos. Foi requisitado de cada aluno durante o processo de preenchimento, que não se comunicassem com os colegas, a fim de garantir a exatidão à cada parecer conforme a própria compreensão dos alunos.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Comparando-se os alunos do 7º Ano em sua totalidade (das três escolas), constatou-se que 28% (13) dos meninos e 26% (12) das meninas associam Gênero ao sexo biológico. Outros 24% (11) dos meninos e 20% (09) das meninas acham que gênero se refira à orientação sexual. E 46% (21) dos meninos e 53% (24) das meninas entendem que gênero se refere aos comportamentos que se considera adequados para uma pessoa dependendo se é homem ou mulher. Tomando-se todos os alunos em conjunto, contando-se meninos e meninas, 50% (45) foram os que entendem que gênero se refere aos comportamentos que

se considera adequados para uma pessoa dependendo se é homem ou mulher. Os 50% (45) restantes foram os que optaram pelas outras opções (Gráfico 1).

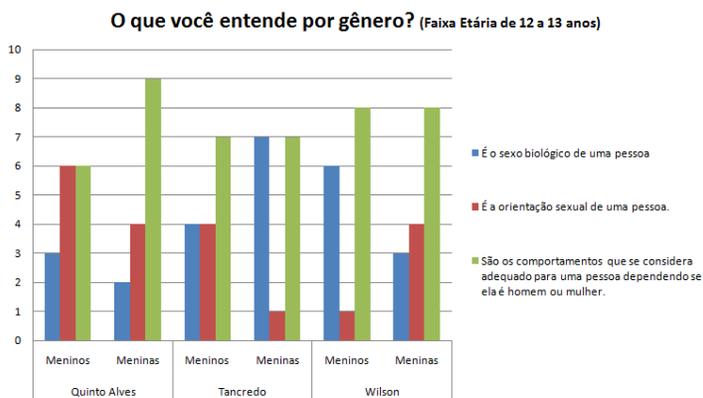


Gráfico 1 - O que você entende por gênero? (Alunos do 7º Ano).

Fonte: Os autores (2018).

Comparando-se os alunos do 8º Ano em sua totalidade (das três escolas), constatou-se que 35% (16) dos meninos e 31% (14) das meninas associam Gênero ao sexo biológico. Outros 26% (12) dos meninos e 31% (14) das meninas acham que gênero se refira à orientação sexual. E 37% (17) dos meninos e 37% (17) das meninas entendem que gênero se refere aos comportamentos que se considera adequados para uma pessoa dependendo se é homem ou mulher. Tomando-se todos os alunos em conjunto, contando-se meninos e meninas, 37% (34) foram os que entendem que gênero se refere aos comportamentos que se considera adequados para uma pessoa dependendo se é homem ou mulher. Os 62% (56) restantes foram os que optaram pelas outras opções (Gráfico 2).

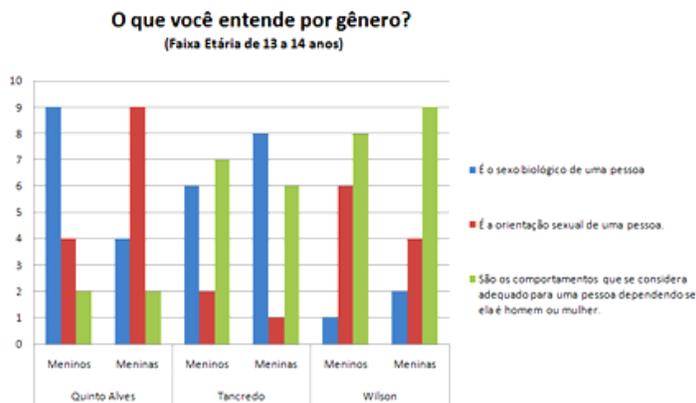


Gráfico 02 - O que você entende por gênero? (Alunos do 8º Ano).

Fonte: Os autores (2018).

Comparando-se os alunos do 9º Ano em sua totalidade (das três escolas), constatou-se que 44% (20) dos meninos e 57% (26) das meninas associam Gênero ao sexo biológico. Outros 26% (12) dos meninos e 28% (13) das meninas acham que gênero se refira à orientação sexual. E 28% (13) dos meninos e 13% (06) das meninas entendem que gênero se refere aos comportamentos que se considera adequados para uma pessoa dependendo se é homem ou mulher. Tomando-se todos os alunos em conjunto, contando-se meninos e meninas, 21% (19) foram os que entendem que gênero se refere aos comportamentos que se considera adequados para uma pessoa dependendo se é homem ou mulher. Os 80% (72) restantes foram os que optaram pelas outras alternativas (Gráfico 3).

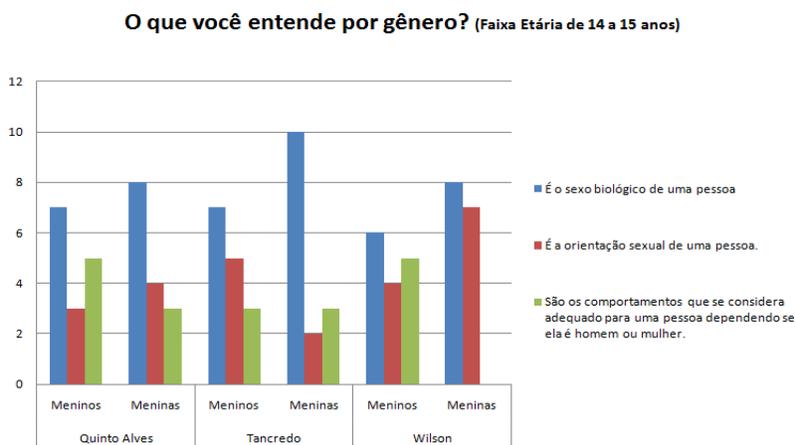


Gráfico 03 - O que você entende por gênero? (Alunos da 9º Ano).

Fonte: Os autores (2018).

Na questão acima, apenas 02% (01) dos meninos e 04% (04) das meninas acham que cozinhar, lavar e cuidar da estética são atividades adequadas apenas para homens. Somente 02% (01) das meninas disseram que é cozinhar, lavar e pilotar aviões. Outros 22% (10) dos meninos (as meninas não opinaram nesta) disseram pilotar aviões, liderar grandes empresas e jogar futebol. Outros 75% (34) dos meninos e 93% (42) das meninas disseram que homens e mulheres podem fazer quaisquer atividades. O percentual de alunos, contando-se os meninos e as meninas, que pensam que homens e mulheres podem fazer quaisquer coisas foi de 94% (76). Apenas 15% (14) entre meninos e meninas acham que somente algumas das atividades enumeradas são adequadas para homens (Gráfico 4).

São atividades que você considera adequadas apenas para homens:

(Faixa Etária de 12 a 13 anos)

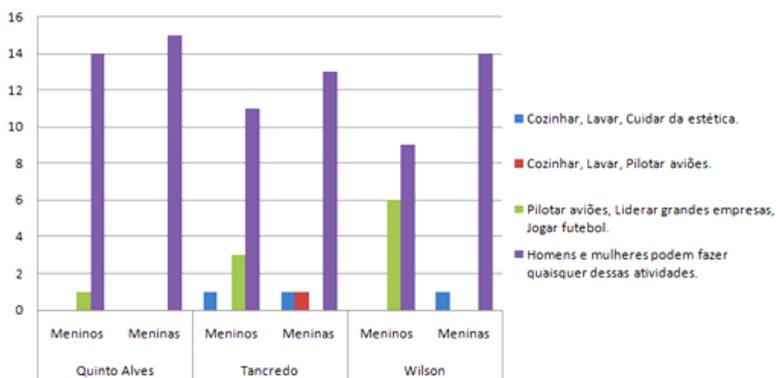


Gráfico 04 - São atividades que você considera adequadas apenas para homens. (Alunos do 7º Ano).

Fonte: Os autores (2018).

Os alunos do 8º ano se dividiram em apenas duas opções. Assim, 13% (06) dos homens e 06% (03) das meninas disseram que pilotar aviões, liderar grandes empresas e jogar futebol são atividades apenas para homens, enquanto 86% (39) dos meninos e 93% (42) das meninas disseram que homens e mulheres podem fazer quaisquer atividades. Tomando-se o percentual geral de meninos e meninas, 90% (81) concordam que homens e mulheres podem fazer quaisquer atividades. Apenas 10% (09) dos alunos marcaram outras opções (Gráfico 5).

São atividades que você considera adequadas apenas para homens:

(Faixa Etária de 13 a 14 anos)

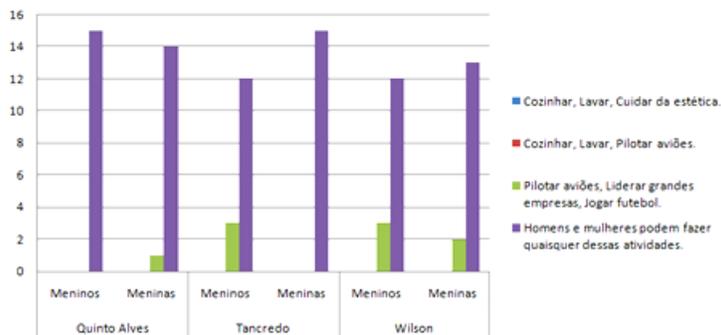


Gráfico 05 - São atividades que você considera adequadas apenas para homens (Alunos da 8ª série).

Fonte: Os autores (2018).

Entre os alunos do 9º ano, apenas 02% (01) menina concorda que cozinhar, lavar e cuidar da estética seja atividade adequada apenas para homens. Outra menina 02%(01) acha que seja cozinhar, lavar e pilotar aviões. 13% (06) dos meninos e 02% (01) das meninas concordam que seja pilotar aviões, liderar grandes empresas e jogar futebol. No entanto, 86% (39) dos meninos e 93% (42) das meninas disseram que homens e mulheres podem fazer quaisquer atividades. Tomando-se o percentual geral de meninos e meninas, 90% (81) dos alunos concordam que homens e mulheres podem fazer quaisquer atividades (curiosamente o mesmo percentual da turma anterior, do 8º Ano). Apenas 10% (09) dos alunos optaram pelas demais alternativas (Gráfico 6).

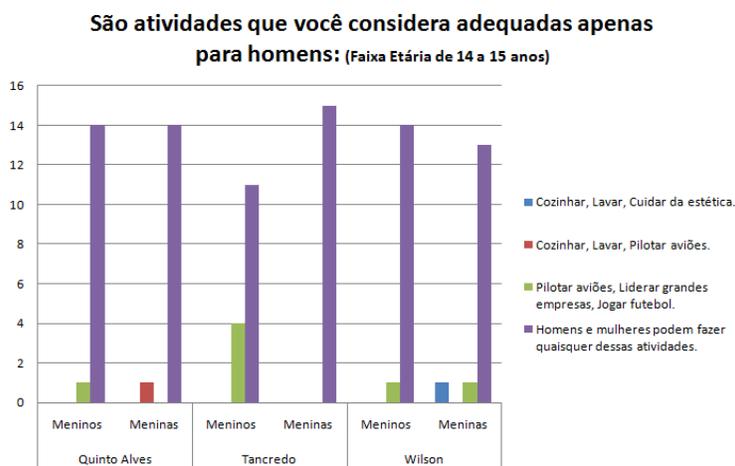


Gráfico 06 - São atividades que se considera adequadas apenas para homens. (Alunos da 9º Ano).

Fonte: Os autores (2018).

Entre os alunos de 7º Ano, apenas 02% (01) dos meninos e 04% (02) das meninas disseram que as atividades esportivas adequadas apenas para mulheres são vôlei, futebol e pilates. Outros 17% (08) dos meninos e 06% (03) das meninas acreditam que seja vôlei, pilates e peteca. Apenas 04% (02) dos meninos escolheram futebol, boxe e pilates. No entanto, 75% (34) dos meninos e 88% (40) das meninas disseram que mulheres e homens podem fazer quaisquer atividades que desejem. Tomando-se o percentual geral de meninos e meninas, 82% (74) optaram pela liberdade de escolha de atividades enquanto apenas 17% (16) delimitaram uma determinada atividade de acordo com o sexo (Gráfico 7).

São atividades desportivas adequadas apenas para mulheres: (Faixa Etária de 12 a 13 anos)

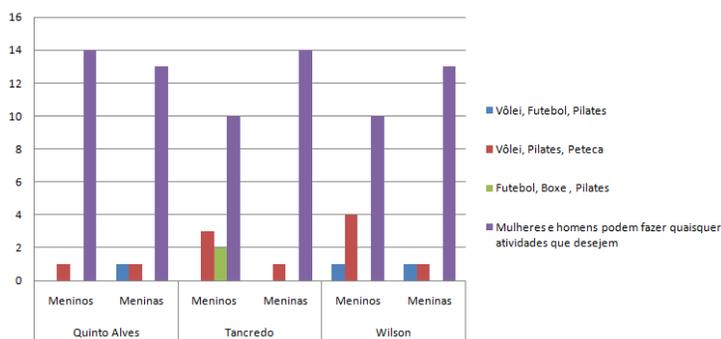


Gráfico 07 - São atividades desportivas adequadas apenas para mulheres (Alunos do 7º Ano).

Fonte: Os autores (2018).

Entre os alunos do 8º Ano, apenas 02% (01) dos meninos e 02% (01) meninas disseram que Vôlei, futebol e pilates são atividades adequadas apenas para mulheres. Outros 15% (07) dos meninos e 02% (01) entre as meninas disseram ser vôlei, pilates e peteca. No entanto, 84% (38) dos meninos e 93% (42) das meninas acham que homens e mulheres têm liberdade de escolha de atividades, enquanto apenas 11% (10) dos alunos optaram por delimitar determinadas atividades. O percentual de alunos, somando-se meninos e meninas, que optaram pela liberdade de escolha de atividades é de 88% (80) alunos. O percentual dos que pensam que apenas algumas atividades são adequadas para mulheres é de apenas 11% (10) alunos (Gráfico 8).

São atividades desportivas adequadas apenas para mulheres: (Faixa Etária de 13 a 14 anos)

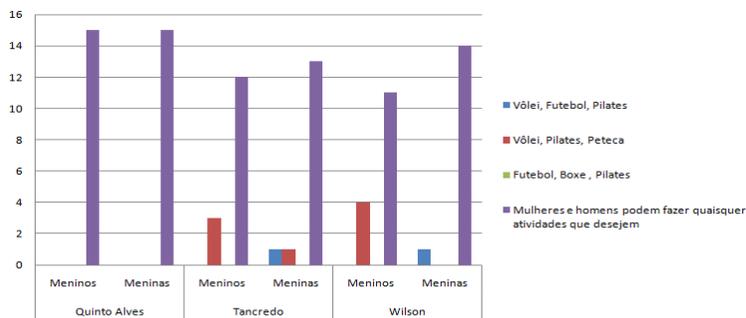


Gráfico 08 - São atividades desportivas adequadas apenas para mulheres (Alunos da 8º Ano).

Fonte: Os autores (2018).

Entre os alunos do 9º Ano, apenas 02% (01) dos meninos marcaram vôlei, futebol e pilates como atividades adequadas apenas para mulheres. Outros 17% (08) dos meninos e 04% (02) das meninas marcaram vôlei, pilates e peteca. No entanto, 80% (36) dos meninos e 95% (43) das meninas acham que homens e mulheres têm liberdade de escolha de atividades. O percentual de alunos, somando-se meninos e meninas, que optaram pela liberdade de escolha de atividades é de 87% (90). O percentual dos que optaram por determinadas atividades é de apenas 12% (11) (Gráfico 9).

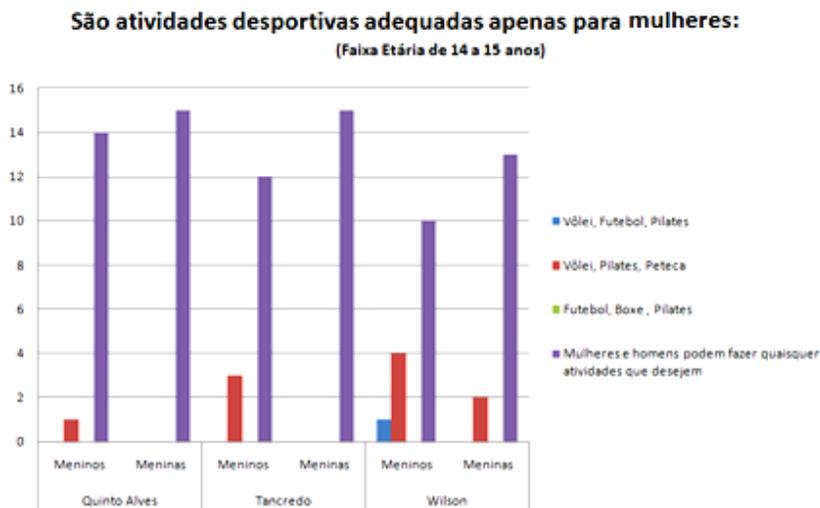


Gráfico 09 - São atividades desportivas adequadas apenas para mulheres.

Fonte: Os autores (2018).

No quadro acima, os alunos do 7º Ano, 51% (23) dos meninos e 46% (21) das meninas pensam que as aulas de educação física devem ser mistas. Outros 20% (09) dos meninos e 13% (06) das meninas acham que as aulas devem ser separadas – porque as meninas são mais frágeis que os meninos. No entanto, outros 13% (06) dos meninos e 02% (01) das meninas pensam que devem ser separadas – pois cada pessoa deve fazer atividades que tenham a ver com seu sexo. Outros 24% (11) dos meninos e 37% (17) das meninas concordam em que as atividades devem ser mistas – mas com adaptação das regras para favorecer as meninas. Nas alternativas que tiveram mais votações, temos que (somando-se meninos e meninas) 48% (44) dos alunos concordam que as atividades devem ser mistas. E outros 26% (24) dos alunos pensam que as aulas devem ser mistas – mas com adaptação das regras para atender às meninas. Os restantes 23% (21) alunos se dividiram entre as duas outras opções (Gráfico 10).

Às aulas de educação física deve ser:

(Faixa Etária de 12 a 13 anos)

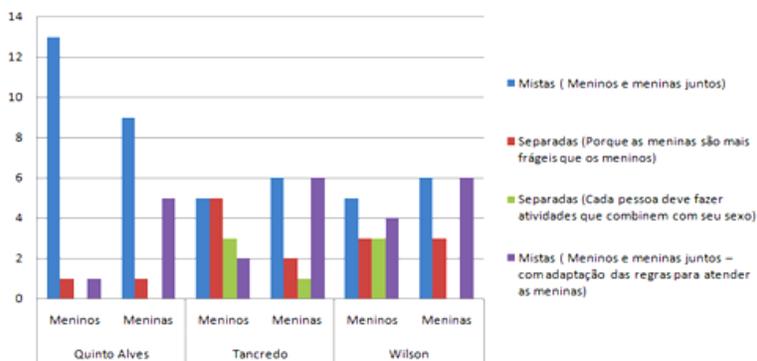


Gráfico 10 - São atividades desportivas adequadas apenas para mulheres (Alunos da 7º Ano).

Fonte: Os autores (2018).

Entre os alunos do 8º Ano, 37% (17) dos meninos e 64% (29) das meninas acham que as aulas de educação física devem ser mistas. 22% (10) dos meninos e 02% (01) das meninas acham que as aulas devem ser separadas – porque as meninas são mais frágeis que os meninos. Apenas 04% (02) dos meninos marcaram que as atividades têm que ser separadas – porque cada pessoa tem que fazer atividades adequadas ao próprio sexo. 33% (15) dos meninos e 33% (15) das meninas concordam que as atividades têm que ser mistas – com adaptação das regras para atender as meninas. Nas alternativas que tiveram mais votações, somando-se os alunos de ambos os sexos em todas as turmas, 51% (46) dos alunos concordam que as atividades devem ser mistas; 33% (30) dos alunos concordam em que as aulas devem ser mistas com adaptação de regras para favorecer as meninas (Gráfico 11).

4 | ANÁLISE DOS RESULTADOS

A amostra do estudo contou com 270 alunos, de ambos os sexos, do 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental da rede pública. Em cada escola, foram selecionados 30 alunos por série, 15 do sexo masculino e 15 do sexo feminino, sendo a escolha aleatória. Cada aluno só participaria se realmente quisesse. Cada uma das perguntas do questionário utilizado tinha como meta apurar o nível de percepção dos alunos pesquisados acerca da temática deste trabalho e o que eles pensavam a respeito dela. Nos gráficos acima, a análise dos dados foi feita de três formas: primeiro considerando cada turma individualmente, favorecendo a percepção das respostas a partir da faixa etária e da turma (nível de escolaridade). Em seguida, todos os alunos de uma determinada série foram considerados

em conjunto, favorecendo a comparação de opiniões entre alunos de uma mesma série e faixa etária, porém de escolas diferentes. E finalmente, todos os alunos que escolheram uma determinada opção, foram somados (meninos e meninas juntos) para a obtenção geral de dados pertinentes a esta determinada questão e para apurar quais questões tiveram maior número de escolhas.

Conforme percebemos nos dados obtidos, um percentual significativo de alunos (as), não tem percepção do que de fato significa o termo gênero, sendo ínfima a diferença de percepção entre meninos e meninas.

Tomadas de forma isolada, as tabelas demonstram que as meninas têm uma vantagem ligeiramente superior aos meninos neste quesito, que, quando muito, empatam com elas. No entanto, se somarmos os alunos de ambos os sexos que sabem o que de fato significa gênero separando-os daqueles que o associam a sexo biológico ou à orientação sexual, veremos que apenas 36% (101) considerando alunos de ambos os sexos, sabem o que é “Gênero”. Enquanto 62% (170) dos alunos o associam a sexo biológico ou à orientação sexual. Ora, isto não chega a ser um problema, levando-se em conta que nas respostas subsequentes, a maioria dos alunos demonstrou uma postura bastante libertária ao admitirem que homens e mulheres possam fazer quaisquer atividades (proposta que embasa as questões nº 02 e nº 03), o que sugere que devem ter uma postura mais flexível frente aos padrões culturais que determinam os papéis sexuais. E na questão nº 04, ficou patente que compreendem que não deve haver separações entre os sexos durante as atividades de Ed. Física, já que 50% (136) entre meninos e meninas disseram que as atividades devem ser mistas, o que sugere que não tenham preconceitos relativos a gênero. Na última questão, é interessante notar que 31% (86) dos alunos, contando-se meninos e meninas, disseram que as atividades deveriam ser mistas, mas com adaptação das regras para favorecer as meninas, o que sugere que tenham alguma noção de equidade, isto é, percepção de que a fragilidade das meninas (que não deve ser confundida com fraqueza) requer adaptações na prática que viabilizem uma participação de ambos os sexos, sendo esta uma oportunidade que o professor tem de “(...) ser pluralista e democrático [criando] condições mais favoráveis para o esclarecimento e informação”. (BRASIL, 2001, p. 130).

Sendo assim, o aluno deve ser estimulado a participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características físicas e de desempenho de si próprio e dos outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais (...) (BRASIL, 1997).

Logo, percebemos que, algumas das hipóteses que foram levantadas não se confirmaram. Por exemplo, nem sempre o desconhecimento do real significado do termo gênero implica na incapacidade de questionamento dos modelos socioculturais dos papéis de gênero, pois, como vimos, embora 36% (49) dos meninos e 38% (52) das meninas tenham respondido que gênero se trata do sexo biológico, 82% (112) dos meninos e 92% (126) das meninas responderam que homens e mulheres podem fazer quaisquer atividades

relacionadas na questão, demonstrando que a grande maioria dos pesquisados tem noção da importância de se respeitar as escolhas individuais.

Aos alunos que ainda ignoram as terminologias inerentes à sexualidade, sugere-se que haja planejamento por parte dos docentes que atuam nas escolas pesquisadas, através da exposição dos conteúdos inerentes à sexualidade, trabalhando-os em caráter de interdisciplinaridade e transversalidade, que são os mais indicados para lidar com tais temáticas, conforme demonstram as

(...) “experiências pedagógicas brasileiras e internacionais de trabalho com educação ambiental, orientação sexual e saúde [que] têm apontado a necessidade de que tais questões sejam trabalhadas de forma contínuas e integradas, uma vez que seu estudo remete à necessidade de se recorrer a conjuntos de conhecimentos relativos a diferentes áreas do saber” (BRASIL, 2001, p.36).

5 | CONCLUSÃO

De maneira geral, os dados encontrados neste estudo mostram que os educadores físicos são na maioria indivíduos jovens, solteiros, prevalentemente homens com ocupação dividida entre o S.A e P.T em jornadas de trabalho curtas e baixa remuneração mas que não tendem a se especializar para continuarem a desempenhar suas funções.

Os dados revelam uma satisfação geral classificável como de “Sucesso” segundo os parâmetros de Spínola & Pereira (1976, p. 26-32) que se estendem entre os indicadores de Domínio Físico, Psicológico, de Relações Sociais e Meio Ambiente.

O cenário das academias de musculação revela mudanças ao longo do tempo (FURTADO, 2009), que condicionam adaptações condicionadas ao seu público e aos profissionais que devem se adaptar à elas.

Numa sociedade democrática, que se caracteriza pela liberdade de pensamento, e que abriga em seu seio indivíduos de diversas culturas, comportamentos e crenças é natural que existam divergências sobre diversos assuntos. No entanto, diante da violência que emerge da ignorância e das desigualdades sociais, a escola é chamada a exercer seu magistério a favor da vida, trabalhando pela diversidade em todos os níveis, despertando nos discentes a capacidade de questionar os modelos sociais nos quais estão inseridos, fomentando a autonomia que lhes permita transformar sua realidade através da percepção das próprias potencialidades e capacidades.

A Educação Física, que cuida da Cultura Corporal de Movimento, cumpre um importante papel nesse sentido, pois tem a possibilidade, através de uma práxis bem planejada, de despertar nos alunos a disposição de conviver com as diferenças a partir do reconhecimento daquilo que os irmana: Sua corporeidade/humanidade. De fato, os jogos e atividades coletivas retratam o que acontece fora dos muros da escola: Ninguém consegue nada sozinho. Tanto nos campeonatos escolares quanto na vida, nem sempre é possível

escolher quem serão os parceiros de time, nem ter garantias de que se ficará de pé durante todo o jogo. E caindo, aprende-se que, a menos que se levante o jogo pára. E dependendo da possível gravidade dos ferimentos, também se aprende que não se escolhe aquele que prestará socorro.

A Pedagogia Esportiva Escolar se torna, portanto, ferramenta de potencial humanizadora, que propõe, através de seus cinco pilares que, a promoção de um mundo melhor só é possível através da Construção Coletiva, que requer a inclusão de todos e respeito à diversidade; mundo cuja base se assente na educação integral conduzindo os sujeitos rumo à autonomia – chave para uma vida de contínuo crescimento, aprendizado e cidadania.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição Federal da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, v. 1, p. 292, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Nota Técnica nº 24/2015. Brasília. MEC. 2015. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/assuntos/conselho/nota-tecnica-no-24-conceito-genero-no-pne-mec.pdf>>. Acesso em Set de 2018.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Introdução. Ensino Fundamental. Terceiro e Quarto Ciclos. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Educação Física. Ensino Fundamental. Terceiro e Quarto Ciclos. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Apresentação dos Temas Transversais e Ética. Ensino Fundamental. Terceiro e Quarto Ciclos. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Ensino Fundamental. Terceiro e Quarto Ciclos. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRITO, Patrícia.; REIS, Lucas. **Por pressão, planos de educação de 8 estados excluem 'ideologia de gênero'**. *Folha de São Paulo*, 25 Jun. 2015. Disponível em:< <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/06/1647528-por-pressao-planos-de-educacao-de-8-estados-excluem-ideologia-de-genero.shtml> >. Acesso em: 10 de Set. de 2018.

CABRAL Francisco.; DÍAZ, Margarita. **Relações de gênero**. In: Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte: Fundação Odebrecht. *Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar*. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, v. 1, p. 142-150, 1998.

_____. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. 1948. Disponível em < https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm>. Acesso em Set. 2018.

EGYPTO, Antônio Carlos.; EGYPTO, Marta.; **Papéis sexuais**. In: BARROSO, Carmem.; BRUSCHINI, Cristina.; *Sexo e Juventude: Como discutir sexo e sexualidade na escola*. 8ª Edição. São Paulo: Editora Cortez, v. 5, p. 50-54, 2002.

LANG. Jeter.; ZANCHET. Ricardo.; DOMINGUES, Maria José Carvalho Souza. **Compreensão de leitura a luz de teste cloze: comparação entre ingressantes e concluintes do curso de Administração**. Convibra 07. Blumenau- SC, v. 1, p. 1-13. 2007

LOURENÇO, Benito.; QUEIROZ, Lígia Bruni. Crescimento e desenvolvimento puberal na adolescência. **Revista Médica**. (São Paulo), v. 89, n. 2, p. 70-75, 2010.

MUSSKOPF, André Sidnei. Quando gênero e sexualidade se encontram. **Revista Tempo e presença digital**, v. 3, n. 8, p. 82-86, 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem Emancipatória 90, 91, 93

Agentes 24, 34, 36, 56, 58, 62, 66, 67, 68

Alfabetização “Não-Escolar” 1, 4, 15

Aprendizagem 12, 13, 14, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 31, 53, 58, 60, 67, 85, 91, 92, 94, 96, 97, 99, 100, 139, 140

B

Burocracia de Médio Escalão 33, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 50, 51, 54, 55

C

Carreira Militar 116, 120, 121

CBAI 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68

Compartilhamento 69, 71, 73, 74, 76, 96, 99

Conhecimento 5, 7, 8, 11, 12, 14, 15, 20, 23, 24, 26, 28, 29, 30, 32, 35, 38, 40, 44, 45, 46, 47, 50, 52, 63, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 83, 88, 93, 97, 103, 118, 122, 135, 140, 142, 143, 145, 147, 156, 160, 161, 177, 181, 186, 189, 191, 200

Coordenação 18, 19, 21, 30, 31, 41, 42, 61, 72, 73, 82, 133

D

Desenvolvimento 4, 14, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 39, 40, 48, 50, 52, 57, 60, 69, 71, 74, 76, 77, 78, 84, 86, 91, 92, 94, 96, 99, 102, 103, 115, 120, 129, 136, 137, 139, 142, 145, 147, 153, 156, 160, 161, 164, 166, 167, 169, 175, 179

E

Economia 4.0 77, 78, 85, 86, 87

Educação 1, 2, 5, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 38, 39, 42, 45, 53, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 77, 90, 92, 93, 99, 100, 101, 102, 103, 113, 114, 149, 158, 176, 191, 192, 215

Educação Física Escolar 101

Educação Infantil 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32

Educação Profissional 42, 52, 67, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Educação Sexual 90, 91, 92, 93, 98, 99, 100, 157

Empoderamento 84, 120, 166, 167, 168, 172, 175

Ensino Industrial 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68

Epistemologia Qualitativa 90, 93

F

Forças Armadas 116, 117, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130

G

Gênero 3, 91, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 125, 128, 129, 130, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 158, 160, 164, 166, 167, 168, 169, 171, 173, 175, 176, 215

Gerações 62, 131, 132, 133, 136, 138, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 148, 164, 195

Gerentes 55, 131, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

Gilbert Durand 184, 185, 189, 190, 191

H

Homossexualidade 104, 153, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 171, 173

I

Iconoclastia 184, 185, 186, 189, 190, 191

Identidade Profissional 131, 132, 134, 135, 140, 141, 145

IFES 33, 34, 35, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53

Igualdade de Gênero 116, 125

Imaginário 184, 185, 188, 189, 190, 191

Implementação 14, 25, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 69, 147, 155

L

Lutas Identitárias 159

M

Migrantes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15

Modernidade 16, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 160, 163, 189, 190, 193, 195, 198, 203

Mulheres 3, 5, 20, 22, 91, 102, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 137, 138, 140, 143, 144, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 162, 166, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 205, 208, 211

N

Narrativas 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 27, 55, 189

O

Organização 1, 4, 5, 8, 12, 19, 22, 24, 25, 26, 29, 32, 39, 46, 60, 61, 67, 69, 71, 72, 73, 74,

75, 79, 88, 122, 130, 133, 134, 135, 139, 142, 143, 144, 145, 171, 173, 174, 179

P

Política Pública 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 45, 54, 156

R

Raízes Pré-Históricas 159

Reconhecimento 8, 14, 21, 38, 98, 103, 113, 122, 150, 153, 154, 159, 165, 176, 183

Relação 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 20, 24, 29, 35, 37, 46, 51, 60, 71, 77, 78, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 118, 119, 138, 140, 142, 143, 145, 154, 155, 157, 159, 162, 166, 167, 168, 172, 175, 178, 179, 180, 189, 192, 193, 194, 196, 198, 199, 201, 202, 212, 213

Religião 134, 151, 162, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 184, 185, 186, 190, 191, 198, 200, 201, 202, 204

S

Saúde 11, 21, 28, 54, 55, 58, 62, 100, 102, 113, 122, 125, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 175, 179, 207, 208

Sexualidade 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 113, 114, 115, 119, 121, 129, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 168, 169, 173, 174, 181

T

Tecnologia 45, 70, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 137, 147, 150



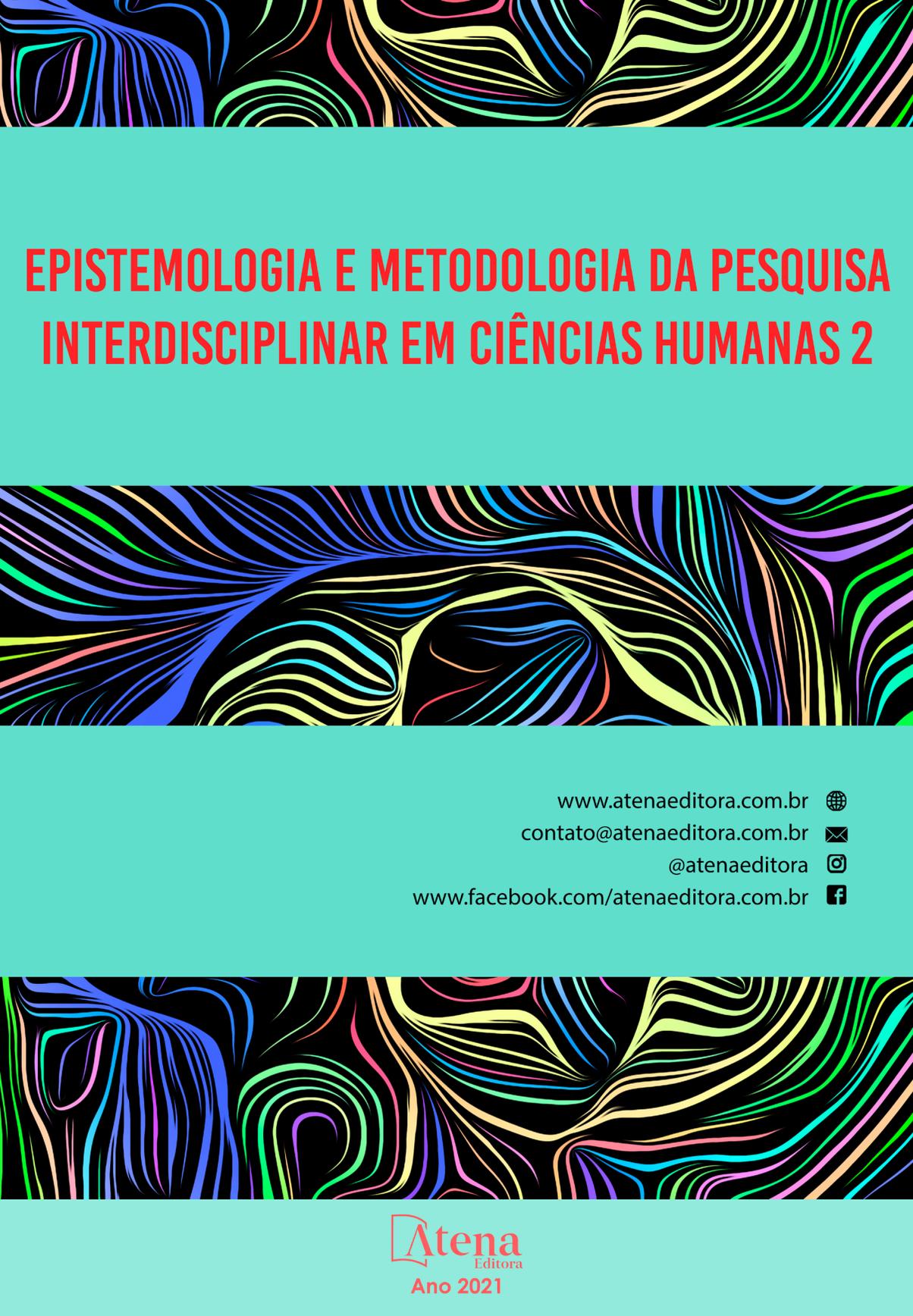
EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 